



XVI Diário Económico Segunda-feira 25 Março 2013

MBA GUIDEBOOK

O MBA da ISCTE iniciou uma semana de aulas na HEC Paris.



ISCTE aprofunda parceria com HEC Paris

Aulas de liderança com fuzileiros continuam a ser um dos ex-líbrs do MBA do INDEG/ISCTE.

CARLA CASTRO
carla.castro@economiaplus.pt

As aulas de liderança na Escola dos Fuzileiros da Marinha continuam a ser um dos ex-líbrs do Executive MBA do INDEG/ISCTE. No intervalo da aula de "Estratégia" do professor e conhecido gestor Luis Todo Bom, numa sexta-feira pós-laboral, Francisco Nascimento, de 32 anos, admite que a oportunidade de estar com os fuzileiros foi um factor motivador para a escolha deste programa. Licenciado em Economia pela Universidade Nova, quis tirar o MBA noutra faculdade que não a da licenciatura e escolheu o ISCTE. "Ao fim de dez anos de trabalho, penso que esta é a altura ideal para reaprender conceitos a aplicar no dia-a-dia, poder dar o salto e reestruturar conhecimentos", diz este aluno que gere uma das unidades de negócio da Johnson & Johnson. Além do curso nos fuzileiros, o presidente do INDEG/ISCTE, Paulo Bento, enumera outros factores que diferenciam o MBA da sua escola, destacando o reconhecimento pela AMBA, a acreditação internacional mais importante ao nível dos MBA: permite o acesso ao "career counseling individual" em parceria com a Heidrick & Struggles, aposta na promoção do mérito, através da atribuição de bolsas no valor das propinas aos dois melhores alunos, e permite a obtenção do grau académico de mestre em Gestão no fim do MBA. Não tendo sido a única razão da escolha deste programa, obter o grau de mestre chamou a

atenção de Isabel Oliveira, de 46 anos, quando escolheu o MBA. "Como engenheira precisava de formação em gestão, de valorizar as minhas competências e até de crescer pessoalmente. E tenciono aproveitar a oportunidade para defender a tese e ter acesso ao grau de mestre", afirma esta engenheira civil, que trabalha na consultora COBA. Ao fim de ano e meio de aulas em regime pós-laboral, às sextas-feiras ao final do dia e sábado de manhã, o EMBA do INDEG/ISCTE – que se destina a profissionais com "experiência profissional relevante" e que recebe candidatos entre os 28 e os 50 anos – prevê mais um semestre para o trabalho final ou tese de mestrado.

Programa conjunto com a HEC Paris

Face à crise e às transformações que se vivem na sociedade, Paulo Bento destaca como o EMBA da sua escola está a tentar enfrentar os novos desafios de mudança: desde logo, dando uma relevância cada vez maior à internacionalização. Um exemplo é a parceria já estabelecida com a HEC-Paris, a prestigiada escola francesa que ocupa, actualmente, o 6º lugar do "ranking" europeu de MBA do "Financial Times", que é para "a aprofundar no futuro", garante o director. Pañá já, os alunos vão passar uma semana a esta escola na capital francesa. E "espera-se que a parceria evolua, a breve trecho, para um programa conjunto", revela.

Por outro lado, "as metodologias de ensino e a

experiência internacional de muitos dos participantes, que têm uma média de 38 anos, acabam por se tornar indutores de experiências internacionais", acrescenta Paulo Bento. Mas há outras apostas e respostas às mudanças como a introdução da ética e sustentabilidade nas aulas, os seminários adicionais, com alguns a colocarem um forte enfoque no desenvolvimento de carreiras, e ainda a aposta na gestão da inovação complementada pelo desenvolvimento de novos produtos e serviços. De resto, o INDEG/ISCTE mantém a aposta no apoio ao empreendedorismo, através do programa AUDAX, fundado em 2005, que "tem tido um papel muito activo na criação e desenvolvimento de pequenos negócios, promovidos por alunos e professores, mas também fora do campus, apoiando empreendedores, pequenas empresas familiares, câmaras municipais, etc.". Colabora ainda com prestigiadas empresas, que "não só fornecem e absorvem alunos, como através dos órgãos em que têm assento acompanham o desenvolvimento e adequação dos programas em geral e do EMBA em particular", sublinha o director. Há dez anos, o INDEG/ISCTE lançou o Mini-MBA, coordenado por Luis Todo Bom, que é para manter, uma vez que a procura tem correspondido, tendo sempre mais de 20 alunos e duas edições por ano. São, segundo o director, seis dias que possibilitam "a aprendizagem ou a revisão sólida das principais ferramentas da gestão empresarial". ■

Ex-aluno



NUNO SANTOS
Administrador da ES Viagens

“Licenciei-me em Economia, em 1985, e iniciei o EMBA no ISCTE/INDEG em Setembro de 2008, quando era director geral de uma multinacional financeira especializada em crédito ao consumo. O que me levou na altura a voltar à universidade foi a necessidade que senti de me actualizar e de testar as minhas capacidades profissionais. O EMBA obrigou-me a provar que era capaz de ultrapassar desafios, recorrendo a casos de sectores de actividade e negócio muito diversificados e muito diferentes dos que estava habituado a lidar. Proporcionou-me a consolidação de conhecimentos técnicos e comportamentais já adquiridos, a actualização sobre as matérias mais relevantes de gestão, a sistematização da experiência adquirida com aplicação em novas e diferentes situações. Aumentou a minha resiliência e a capacidade de enfrentar desafios em diferentes áreas de negócio.”

XVIII Diário Económico Segunda-feira 25 Março 2013

MBA GUIDEBOOK

Jorge Gomes, director associado do MBA do ISEG, liderou as alterações que foram feitas, em 2012, ao programa da escola.



D. Silva/Agência

Depoimento



PAULA SANTOS
Responsável do Departamento de Controlo de Crédito do Grupo Azevedos BFA

“Precisava de ‘upgrade’ global de gestão. Não tão especializado numa área fiscal ou financeira, mas que me transmitisse uma visão interdisciplinar de toda a organização, com uma vertente técnica e comportamental”. A declaração é de Paula Santos, de 36 anos, que decidiu frequentar o MBA do ISEG, que terminou em 2012. Paula Santos trabalha no Grupo Azevedos há cinco anos, como responsável do departamento de controlo de crédito, o mesmo cargo que ocupava antes, “mas acrescido de outras responsabilidades”. Confessa que a opção foi pessoal, mas que a empresa “demonstrou todo o seu apoio e aprovação”. Faz um balanço positivo do MBA e diz que escolheu o ISEG “por ser o programa com melhor relação qualidade/preço, por existirem inúmeros protocolos e porque já lá tinha feito a licenciatura, há 14 anos”.

MBA do ISEG acreditado pela AMBA

O programa recebeu a acreditação internacional em 2012, ano em que foi remodelado.

RAQUEL CARVALHO
raquel.carvalho@diarioeconomico.pt

O ano de 2012 foi marcante para o MBA do ISEG: recebeu a acreditação internacional da AMBA e remodelou o programa.

“Um incentivo extra para continuarmos o nosso trabalho”, foi como Jorge Gomes, director associado do MBA ISEG, qualificou a atribuição à escola da mais importante acreditação internacional dos MBA em todo o mundo.

No que diz respeito à remodelação, o novo programa formativo assenta em três pilares. No primeiro, designado “Gestão 360º”, o ISEG prepara os seus discentes “com uma sólida preparação técnica”, explica Jorge Gomes.

O segundo, “Liderança”, “assenta no desenvolvimento de um modelo de liderança orientado para os principais arquitectos da mudança: gestores que ocupam as posições intermédias nas organizações de média e grande dimensão, ou os que ocupam as posições de topo nas pequenas e micro empresas”, diz, frisando “a aposta no ensino de ‘soft skills’, através da vela, música, encenação e academia militar”.

O terceiro pilar, designado de “Gestão da Mudança, Inovação e Empreendedorismo”, consiste no desenvolvimento de competên-

cias inovadoras, “alicerçadas num espírito criativo e inovador, que suportarão a identificação de novas oportunidades e a implementação de soluções quer dentro das suas organizações, quer em iniciativas de criação do próprio negócio”, frisa.

A tradição do rigor científico e técnico

Jorge Gomes destaca o “rigor científico e técnico” que “caracteriza os programas” desta escola. Este responsável acredita que “a tradição e a história são vantagens competitivas que o ISEG detém sobre os seus concorrentes directos e indirectos”, ao qual se junta “o reforço de recursos internos nos últimos anos”, permitindo “aliar a tradição à inovação”.

Porém, o que marca efectivamente a diferença é a forma como é estruturado este MBA e o facto de o programa do ISEG aliar “a inovação e a história, num reconhecimento de que Portugal tem capacidade para enfrentar o futuro, bem como dar prioridade ao estudo da gestão latina em geral e portuguesa, em particular, uma vez que esta tem vindo a demonstrar que pode ser bem sucedida no mundo dos negócios”, explica o director associado.

Jorge Gomes destaca ainda o facto dos docentes “terem várias proveniências e formações distintas, oferecendo um cardápio úni-

co em termos de abordagens e filosofias de gestão”.

Saber formar e treinar bem pessoas, é uma preocupação constante. Sobre tudo agora que o futuro é incerto e “é premente a capacidade para liderar a mudança”, frisa Jorge Gomes.

A vontade de mudar é mesmo uma das motivações dos alunos que procuram o ISEG. “Mudar algo nas suas carreiras e/ou nas suas empresas”, assume Jorge Gomes, além do desejo demonstrado de “aumentar o salário e a vontade de actualizar e desenvolver novas competências e conhecimentos”.

Nos tempos que correm estes são factores valorizados pelos alunos e serviram de mote às várias mudanças introduzidas no MBA. De facto, foi a pensar na crise e nas suas implicações no mercado de trabalho que o ISEG decidiu remodelar o MBA. O objectivo foi garantir uma formação que tornasse as pessoas “capazes de imprimir mudança nos seus locais de trabalho, e conduzi-los em direcção ao futuro”, bem como “incrementar o impacto do MBA na valorização profissional dos alunos”. Para essas mudanças muito contribuíram as opiniões do conselho consultivo do MBA e dos especialistas da AMBA, que acreditaram o programa, das várias empresas que pertencem à rede do ISEG, além da consulta aos alunos, ex-alunos e docentes. ■

Quem procura este programa?

A variedade é a nota dominante na proveniência dos alunos do MBA do ISEG, diz Jorge Gomes, acrescentando que a escola recebe “profissionais altamente qualificados, chefias intermédias, chefias de topo, consultores, e outros profissionais em posições de apoio de todo o género”. O número de candidaturas tem-se mantido constante ao longo dos últimos cinco anos, “com algumas oscilações, e um ligeiro decréscimo de 2011 para 2012”, informa o director associado do MBA do ISEG, que esclarece, no entanto, que o número de alunos aceites “tem-se mantido constante”, dado que apenas aceitam parte dos candidatos. Jorge Gomes garante ter sido assumida “a meta de aumentar o número de candidaturas para os próximos anos”.

O Executivo MBA da AESE/IESE, proporciona experiências internacionais na Índia e nos EUA.



Depoimento



PAULA ALBUQUERQUE
Global Market Access & Health
Outcomes Manager

“O benefício supera o investimento no Executivo MBA da AESE/IESE que me proporcionou ‘aquele salto’ que ambicionava. Da conclusão do programa até ao próximo desafio em Londres passaram poucas semanas e depois alguns meses para o seguinte em Barcelona no centro de I&D da Almirall. O reconhecimento internacional das Business Schools por onde passamos é uma excelente carta de apresentação que me ajudou a criar oportunidades de entrevista e a vencer o reconhecimento das minhas competências fora de Portugal. Hoje é um privilégio poder trabalhar entre os especialistas da minha área e ter a carreira que sempre idealizei.”

AESE aposta no método do caso

As sessões servem para os participantes discutirem casos práticos e aprenderem com isso.

JOANA MOURA
joana.moura@ecoeconomico.pt

“O objectivo aqui não é formar académicos, é formar bons gestores”. A frase é do director executivo do XII Executivo MBA da AESE/IESE, José Miguel Pinto dos Santos, e ilustra bem o que podem esperar os candidatos a um dos MBA mais requisitados em Portugal. Nesta escola de Direcção e Negócios as aulas exclusivamente expositivas contam-se pelos dedos e a teoria “pela beleza académica” fica de fora da sala de aulas: o Executivo MBA na AESE recorre ao chamado método do caso, utilizado também em escolas de negócios de reconhecimento internacional, como a Harvard Business School, onde a teoria é apresentada através de casos reais. As aulas começam com uma reunião de quatro/cinco alunos - o learning team - onde são discutidas várias soluções para um determinado problema, que é facultado aos alunos na aula anterior e a partir da discussão do qual, o professor apresentará à turma as várias teorias que podem ser aplicadas naquele caso. Os ‘timings’ de discussão do ‘learning team’ são previstos do horário escolar, assim como as salas de reunião. Tudo organizado para que, depois na aula, o grupo apresente a solução que considerou melhor adequar-se, para a qual contribuíram as visões, experiências e background de cada um dos elementos que o integra - quase todos gestores de empresas já com experiência profissional.

Este é um MBA que não é, por isso, “apropriado a pessoas que nunca resolveram problemas”, como explica o professor Pinto dos Santos.

E como é que isto é bom para os alunos? “A filosofia é os alunos ajudarem-se uns aos outros a aprender, a verem soluções novas para o problema”, diz Pinto dos Santos. “E o professor vai discutir o problema com todos os participantes, de forma estruturada: vai buscar todas as teorias, qual é que se aplica melhor, qual é que terá os melhores resultados, os prós e contras de cada uma, etc.”

Um método de ensino que exige alguma maturidade, defende e que, por outro lado, “impõe alguns limites aos professores, que não podem apresentar teorias apenas pela sua beleza intelectual, desgarradas da realidade”. Uns gostam, outros não, uns aprendem melhor que outros. Mas uma coisa é certa, avisa o director executivo do MBA: “A AESE faz um grande esforço para que as pessoas com uma vertente mais teórica ou académica não venham fazer o MBA aqui. Nas entrevistas de admissão explicamos logo claramente o que é o método do caso e aconselhamos os candidatos a participarem numa sessão real para perceberem se se adequam ao método de ensino da AESE ou não.”

A maioria dos alunos está na faixa etária dos 30 aos 34 anos, são homens, directores comerciais, de negócio ou projecto. E formados em gestão ou economia. Mas as turmas são

cada vez mais diversificadas, atraídas também pelas semanas internacionais de aulas intensivas. A próxima edição do programa contará com uma passagem pelo Indian Institute of Management de Ahmedabad - no 11º lugar no ranking do Financial Times em MBA - e no IESE New York - a primeira escola europeia a estabelecer-se permanentemente nos EUA. Estas são semanas de aulas incluídas no calendário e que são leccionadas nestas instituições de ensino superior internacionais, proporcionando aos alunos novas experiências e conhecimentos, diferentes culturas organizacionais, formas de pensar e de fazer negócio. E novas formas de abordar os problemas, já que ao longo destas semanas constam, ainda, visitas organizadas a empresas líderes no mercado. No final dos dois anos de formação, os alunos são avaliados pelo plano de negócios que apresentarem para um projecto. Empreendedores que começam a ser incentivados na cadeira NAVES - Novas Aventuras Empresariais - e que tem como objectivo potenciar a capacidade de criação de novos negócios, de tal forma que foi criada uma sociedade de capital de risco com o intuito de apoiar os projectos de empreendedorismo elaborados na disciplina.

O Executivo MBA AESE / IESE tem um custo total de 35 mil euros, incluindo os cinco semestres lectivos, taxa de inscrição e sinal, assim como as viagens e estadias das semanas internacionais, material de apoio, catering e parque de estacionamento. ■

XX Diário Económico Segunda-feira 25 Março 2013

MBA GUIDEBOOK

O **MBA Atlântico** destina-se preferencialmente a alunos portugueses, angolanos e brasileiros.



Depoimento



ANA CRISTINA MACEDO
 Directora Adjunta
 Direcção de Marketing
 BFA

Após mais de 10 anos de experiência profissional na área da Banca em Angola senti necessidade de fazer um "upgrade" em termos académico, com o objectivo de actualizar-me sobre as melhores práticas de gestão empresarial. O **MBA Atlântico** é um projecto académico muito interessante pela sua versatilidade. O curso tem a vantagem de envolver 3 Universidades Católicas de referência, de 3 continentes diferentes (África, América e Europa) mas tendo o mesmo denominador comum: a língua portuguesa. A frequência do **MBA Atlântico** revelou-se uma experiência muito enriquecedora por me ter permitido maior capacitação técnica, alargar os meus conhecimentos sobre o ambiente de negócios no Brasil e em Portugal e conhecer pessoas muito interessantes. O **MBA Atlântico** superou completamente as minhas expectativas.

Um dia na vida do **MBA** Atlântico

Com três localizações diferentes - Portugal, Angola e Brasil - os alunos são confrontados com matérias que os dirigem directamente para o centro da política económica mundial.

ANTÓNIO FREITAS DE SOUSA
 antonio.sousa@diarioeconomico.pt

O problema parecia simples: sabendo-se que determinada Instituição bancária estava compradora de euros por 0,7836 dólares e vendedora da mesma moeda por 0,7836 dólares, por quanto é que o banco estaria disposto a comprar e a vender ienes a um pagador em euros - quando a taxa de conversão para a moeda chinesa era directa apenas em dólares?

De repente, numa sala que até aí estivera razoavelmente silenciosa, estabeleceu-se a confusão. No meio de diversas soluções propagandeadas em voz alta, Ricardo Cruz, professor de Mercados Financeiros Internacionais - uma das disciplinas do **MBA Atlântico**, da Universidade Católica - calou-se por instantes, a ver no que aquilo dava. A solução acabou por ser encontrada, mas Ricardo Cruz viu-se na necessidade de confrontar os alunos com as mais que certas incertezas do futuro: "é preciso olhar para os problemas com lógica; quando lá para o final do **MBA** tivermos aquela conversa final [o exame] não podem hesitar".

Num **MBA** aberto a alunos das mais diversas proveniências disciplinares, a matemática acaba sempre por ser a área mais difícil, "normalmente para quem vem da área do Direi-

O ano lectivo começa em Maio em Luanda, continua em Setembro em São Paulo, mas vai mudar-se para o Rio de Janeiro já no próximo ano, e finaliza no Porto a partir de Janeiro.

to ou para quem não teve matemática até ao 12º ano de escolaridade", afirmou já antes Ricardo Cruz. Nada que não se possa ultrapassar, explicou, com um acompanhamento mais pessoal - que permita esbater as dificuldades e aproximar conhecimentos.

Entretanto, encontrado o valor do iene face ao euro, era preciso saber-se o 'spread' que o banco levaria pela operação - e lá regressaram as contas, que pouco mais são que a explanação numérica de um problema de português. É que, no caso do **MBA Atlântico**, as aulas decorrem em português - ou não fosse a frase 'a minha pátria é a minha língua' um dos elementos diferenciadores do programa, face ao vasto rol da concorrência nacional e internacional.

O **MBA Atlântico** destina-se preferencialmente a alunos portugueses, angolanos e brasileiros e a docência decorre precisamente nesses três países onde a língua oficial é o português. O ano lectivo começa em Maio em Luanda, continua em Setembro em São Paulo (mas vai mudar-se para o Rio de Janeiro já no próximo ano) e finaliza no Porto a partir de Janeiro.

Ao contrário de outros **MBA's**, o **Atlântico** costuma ser procurado por quem já tem uma carreira profissional e procura novos caminhos - normalmente os da internacionalização - que abram outras perspectivas e permitam a cria-

ção de uma rede de contactos, sempre profícua em qualquer circunstância.

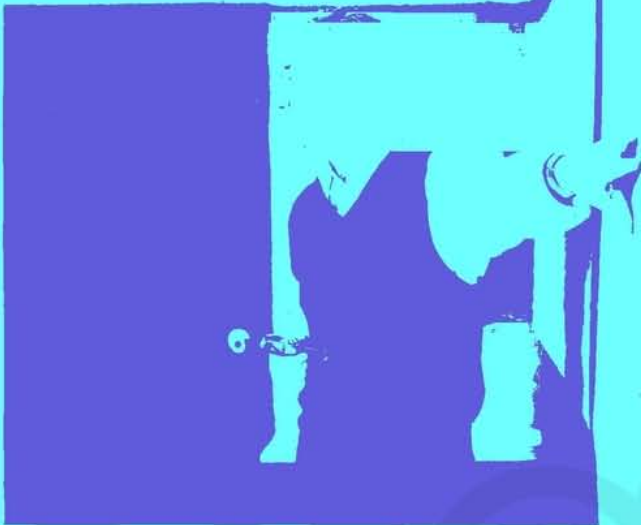
Posto de parte o problema do 'spread' - que, descobriu-se, era o dobro do normal porque no fundo havia duas operações e não apenas uma e "os banqueiros não andam aqui para fazer favores a ninguém", esclareceu Ricardo Cruz - os 28 alunos que fazem parte da actual edição do **MBA Atlântico** avançavam a passos largos para a hora do almoço.

Para trás ficava uma aula que, apesar de ser sobre mercados financeiros (ou se calhar por causa disso) obrigou o professor Ricardo Cruz a, por diversas vezes, cruzar a fronteira entre a economia e a política - transformando-a numa saborosa dissertação sobre política económica internacional. Tudo isso ficará por certo mais exposto quando, lá mais para a frente, forem discutidos estudos de caso - esses sim, dando maior luz sobre os problemas agora aflorados, implicando isso maior participação dos discentes. O que não é mau porque, como lhes foi recordado, no final desta terceira parte do **MBA Atlântico**, espera-os um exame onde as coisas simples ficam à porta. Estavam findos os trabalhos por aquele dia, num espaço de tempo em que o valor do euro oscilou entre os 1,29149 e os 1,29194 dólares - não sendo daí que boas notícias iriam chegar às empresas exportadoras nacionais. ■



Segunda-feira 25 Março 2013 **Diário Económico** XXI

Jaffrey Kerr, professor norte-americano de Gestão Estratégica foi o mediador num aula que se transformou num aceno de debate.



Uma aula no centro da discussão

Um MBA não é um conjunto de alunos a passar para os cadernos o que debita um professor. Não, pelo menos, no caso do MBA Magellan, da Porto Business School.

ANTÓNIO FREITAS DE SOUSA
 @antoniopereira2012

Jaffrey Kerr, professor norte-americano de Gestão Estratégica, havia lançado o desafio: o que raio terá levado uma empresa de restauração oriunda de Denver, EUA, a optar pela China quando decidiu apostar num percurso internacional? O caso é real – mesmo que o nome da empresa não seja revelado – mas é a partir dele que os alunos do MBA Magellan, da Porto Business School (PBS) testam os seus conhecimentos e argumentam as suas opções.

A aula liderada por Jaffrey Kerr parecia tudo menos uma aula: os alunos são divididos como se estivessem num tribunal, com parte deles a terem de argumentar em favor das decisões reais do caso, com a outra parte a servir de 'advogado do diabo'.

"Aquele visão de uma sala de aula onde os alunos tiram apontamento do que diz o professor não faz sentido neste nível de ensino", afirmava o professor norte-americano num dos intervalos da manhã, para enfatizar que é na discussão prática de casos que se aprende o argumentário da gestão estratégica. E o exercício de estar de um dos lados do confronto – o que obriga a dominar os argumentos dos dois lados – é o mais salutar para o desenvolvimento dos conhecimentos.

Os alunos – que claramente chegam ao Porto

O que está em causa, relativamente à utilização do inglês como 'língua oficial' é a perspectiva de uma carreira internacional. Para a PBS, o MBA Magellan é uma forma ideal de abrir as portas para o mundo na área da Economia

vindos das mais diversas proveniências – não se fazem rogados e participam muito activamente. Apenas quatro dos 25 presentes não quis emitir qualquer opinião. O que, para Jaffrey Kerr, não tem qualquer problema, até porque "as culturas, nesse aspecto, são muito diferentes; há alunos que entendem a formulação de perguntas como uma prova de que não dominam determinada matéria e por isso não as fazem".

Não é nada disso que pensam Punniwachara Compainang ou Varun Gupta, que protagonizaram algumas das intervenções mais acaloradas – estavam em campos opostos – na defesa dos seus pontos de vista. Deixando de lado evidências fisionómicas que até podem não ser verdadeiras, os alunos portugueses não se distinguem dos restantes: as aulas do Magellan são invariavelmente ministradas na língua inglesa – e até os apartes ou as brincadeiras (algumas delas da iniciativa do professor norte-americano) são ditas de forma a que até Isabel II de Inglaterra poderia seguir-lhes o contexto.

"Para alunos que estão envolvidos nas novas tecnologias da forma que estão, não podia ser de outra forma", diz Jaffrey Kerr sobre o aparente (mas muito eficaz) caos que se cria nas aulas. "São os tipos da minha idade [talvez uns 55 anos] que têm de se adaptar", afirma.

Carreira Internacional e o Porto como cidade ideal

O que está em causa, relativamente à utilização do inglês como 'língua oficial' é a perspectiva de uma carreira internacional. Para a PBS, o MBA Magellan é uma forma ideal de abrir as portas para o mundo na área da Economia e é essa evidência que tem aberto fortes vantagens competitivas ao curso.

Neste quadro – a fortíssima competição entre MBA's um pouco por todo o mundo – a cidade do Porto é um elemento 'chamativo' dos mais importantes: a qualidade de vida, que mistura o esforço financeiro que é preciso ter disponível com o ambiente académico e social que espera os alunos, é tida como ideal, nomeadamente para quem decide atravessar parte do mundo para continuar os seus estudos.

Os testemunhos não podiam ser mais concluintes: não é fácil descobrir alunos que se sintam defraudados com o alinhamento – que dura 14 meses – do curso ministrado na PBS. Jaffrey Kerr também não tem ar de quem está a dar o seu tempo por perdido. "A compreensão e a camaradagem do grupo são um desafio intelectual sempre positivo" que não é fácil identificar noutras paragens, escreve o professor universitário numa breve apresentação do programa do MBA. ■

Depoimento



FILIPE HOGUEIRA
 McKinsey International

Num momento em que procurava mudança, a experiência no The Magellan MBA foi crítica, a dois níveis – por um lado, permitiu-me desenvolver um forte 'business sense', criando competências técnicas em diversos tópicos relacionados com gestão e administração, através de uma metodologia extremamente motivante. O uso de casos de negócio como ferramenta-base para a discussão de todo o tipo de temas (desde temas culturais e de modelos de influência nas empresas, até análises detalhadas de performance financeira) foi realmente motivante e eficaz. Por outro lado, colocou-me em contacto com pessoas que realmente catalisaram a mudança em mim. A diversidade, tanto cultural como académica do grupo com que interagi (desde colegas de MBA até aos professores) ajudou-me a crescer".



XXII Diário Económico – Segunda-feira 25 Março 2013

MBA GUIDEBOOK



António Jorge, director da formação pós-graduada do ISG, revelou que vai lançar um novo MBA em Hotel & Revenue Management.

Foto: News

ISG aposta em **MBA** Hispano-Luso

Em resposta à crise, curso está direccionado para jovens com dificuldades de emprego.

RAQUEL CARVALHO
r.carvalho@economico.pt

O Instituto Superior de Gestão (ISG) lançou, no ano lectivo passado, o **MBA** Hispano-Luso e o balanço é "bastante positivo". António Jorge, director da formação pós-graduada do ISG, revela mesmo que os resultados conseguidos levaram o instituto a avançar, este ano lectivo, com a 2ª edição, "apesar da crise que avassala Espanha e Portugal, pelo que o balanço continua a ser positivo". De acordo com o responsável, a explicação para o sucesso deste MBA é simples: o programa "já é uma resposta à crise, uma vez que está direccionado para os jovens com dificuldades de emprego que, ao frequentarem o MBA, se aproximam das empresas e da realidade do trabalho", diz. Além disso, os alunos saem muito bem preparados deste curso, uma vez que os programas baseiam-se em "conteúdos de gestão actuais que, por consequência preparam os gestores para todas as realidades empresariais", ressalva António Jorge. António Jorge garante que uma das motivações dos alunos para a sua frequência "é a de ganharem competências a nível internacional, principalmente para os mercados da lusofonia, da América Latina e de se aproximarem das empresas, desenvolvendo assim maiores probabilidades de empregabilidade". A procura manteve-se, mas o director da

formação pós-graduada do ISG revela que nesta 2ª edição se sente alguma "dificuldade de captação de alunos fruto da contracção do rendimento das famílias". Quanto aos factores diferenciadores deste **MBA**, por si só o nome é um deles, uma vez que está pensado para portugueses e espanhóis. Além disso, António Jorge destaca "a existência de programas para profissionais mais jovens, cumulativamente com programas para profissionais seniores, um corpo docente com carreira simultaneamente na academia e nas empresas e a parceria com a escola de Negócios ITAE (Instituto Superior Tecnológico do Equador), que permite aos alunos a compreensão não só da realidade lusófona mas também hispânica". De destacar ainda o lançamento de um novo **MBA**, que o ISG começou a preparar com o Instituto de Novas Profissões (INP), o ano passado, e que terá a sua primeira edição no ano lectivo 2013/2014. Trata-se do MBA em Hotel & Revenue Management, que, segundo explica António Jorge, "foi dividido em módulos temáticos para que os alunos o possam frequentar de forma mais selectiva, em função do seu interesse e disponibilidade".

Lusófona com balanço positivo do MBA
O ISG pertence ao Grupo Lusófona, o maior grupo de ensino de língua portuguesa, que integra 11 instituições de ensino superior

em Portugal, seis instituições universitárias no Brasil e em Moçambique, para além de 14 escolas não superiores em Portugal e no Brasil.

Um corpo docente muito sólido, com ampla experiência empresarial, tanto no país como no estrangeiro e, sobretudo, no espaço lusófono é um dos factores diferenciadores desta escola. Mas há mais. António Costa garante que o **MBA** "é um produto sóbrio, robusto e adaptado às necessidades de quem pretende uma formação avançada bastante prática, em regime de part-time" e frisa o facto do MBA ser "fruto de uma experiência de mais de uma década no desenvolvimento de programas de formação e aprofundamento profissional para os países lusófonos".

O que também marca a diferença é a dinâmica deste curso e o facto de já ter sofrido, "ao longo dos últimos anos, algumas alterações, tanto a nível administrativo, como sobretudo a nível curricular", o que, acredita, "vieram reforçar o peso de cadeiras nos domínios do Empreendedorismo e dos Sistemas de Informação, áreas hoje cruciais no contexto da progressão e desenvolvimento profissional".

Sobre tendências, António Costa diz sentir que "os potenciais alunos são bastante mais cautelosos nas suas escolhas e mais selectivos", e admite que "a crise teve alguns efeitos, nomeadamente na quantidade de candidatos ao curso. ■

Depoimento



ARLINDO RIBEIRO
Business Unit Manager
na Ping Post

Quando mudel de empresa, em 2007, fui para um cargo de direcção e senti que precisava de uma formação complementar à minha área de formação, a engenharia informática. Daí que a decisão de frequentar o **MBA** na Lusófona teve como base a resposta a uma necessidade de adquirir novos conhecimentos que enriquecessem a minha actividade. O balanço que faço desta experiência é bastante positivo. Foi muito enriquecedora. O facto de ser um **MBA** permite-nos viver experiências diferentes e trocar ideias com pessoas que tal como nós já estão no mercado de trabalho, o que é bastante diferenciador de um mestrado, por exemplo. Saímos mais valorizados e mais preparados para enfrentar o mercado de trabalho. O facto dos alunos serem oriundos de empresas dos mais diversos sectores de actividade fez com que o **MBA** se caracterizasse pela sua transversalidade.